



## Considerações acerca do problema da corporeidade em Marx

### Notes on the problem of the corporeity in Marx

Lucas Carvalho Peto  
Danilo Saretta Verissimo  
Universidade Estadual Paulista  
Brasil

#### Resumo

Objetiva-se evidenciar e discutir os fundamentos que tornam possível problematizar a questão da corporeidade [*Leiblichkeit*] a partir dos escritos de Marx. A questão da corporeidade não fora objeto de sistematização nos postulados marxianos. Os “críticos pós-modernos” imputam aos escritos pautados nos postulados marxianos a dificuldade de se confrontar com o estudo do corpo. Nas próprias pesquisas de base marxiana há tendência a rechaçar a questão da corporeidade, classificando-a como desvio relativo à centralidade das questões estruturais de ordem político-econômica. Em Marx, contudo, fundamentações acerca da problemática da corporeidade jazem em íntima relação com as categorias constituintes do ser social. Problematizar a corporeidade com base nos postulados marxianos é concebê-la em relação orgânico-processual com a produtividade humana, com a configuração histórica da sensibilidade e da ação humanas. Intenta-se evidenciar fundamentos para uma abordagem que recoloca a corporeidade no campo das problemáticas referentes ao ser social.

**Palavras-chave:** Marx; corpo; subjetividade

#### Abstract

In this article, we intend to highlight and discuss the basic postulates that make it possible to discuss the problem of the corporeity [*Leiblichkeit*] in the writings of Marx. The question of the corporeity was not studied systematically by Marx. The "post-modern critics' claims that postulates based on Marx's theory have the difficulty of coming to grips with the study of the body. In researches based on Marx's theory there is a tendency to reject the issue of the corporeity, classifying it as a deviation on the centrality of the structural issues of politics and economics. In Marx's theory, however, notes about the problem of the corporeity are closely connected to the ontological question of being social. Studying the issue of the corporeity based on the Marxist postulates is to conceive it in relation to human productivity, with the historic setting of sensitivity and human action. We intend to highlight the possibility of an approach which replaces the problematics of the corporeity in the field related to the social being.

**Keywords:** Marx; corporeity; subjectivity

#### Introdução

A temática da corporeidade permeia toda a história da filosofia ocidental e, concomitante à questão da produção de subjetividades, repousa nas bases epistemológicas da psicologia. Na história da filosofia ocidental, a corporeidade tende a se apresentar sob a rigidez da dualidade mente-corpo: o corpo eclode como obstáculo às aspirações da razão ou se configura como base do estudo científico do ser humano. O corpo possui, igualmente,



uma importância como realidade histórica, porquanto nele “estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica” (Daolio, 1995, p. 105). Nesta configuração, discorrer sobre a corporeidade é versar sobre a história da civilização ocidental (Barbosa, Matos, & Costa, 2011, p. 24).

Neste artigo<sup>1</sup>, tem-se por objetivo evidenciar e discutir os fundamentos que tornam possível problematizar a noção de corporeidade [*Leiblichkeit*] a partir dos escritos de Marx.

### Corporeidade e filosofia da práxis

Os “críticos pós-modernos” imputam aos escritos pautados nos postulados marxianos a dificuldade de se confrontar com o estudo da corporeidade. Em determinadas correntes de análise da tradição marxista há tendência a rechaçar esta questão, classificando-a como desvio relativo à centralidade das questões estruturais de ordem político-econômica. Estas linhas de interpretação, baseadas em análises da sociedade capitalista, “imputam aos estudos do corpo a pecha de serem estudos que se aprofundam em um subjetivismo descritivo” (Herold Junior, 2009, p. 223). Disso decorre certa tendência, por parte dessas correntes interpretativas, de encarar o estudo do corpo como um “modismo”, mais uma tentativa de simplificar questões mais complexas que seriam, necessariamente, mais sérias, de interesse público e/ou estruturais” (Herold Junior, 2009, p.223). Essa inclinação é também notável na ambiguidade que caracteriza a forma como intérpretes da obra de Marx se posicionam frente à questão da corporeidade. Pode-se citar o exemplo de Eagleton (1998), que afirma: “por todos os seus saracoteios carnavalescos, o discurso do corpo consiste, portanto, (...) na nossa última forma de repressão” (p. 73). Conforme Eagleton, “o discurso do corpo” afasta os estudos, pautados por ele, de análises estruturais, na medida em que transfere o foco do processo de estranhamento para as formas de controle da corporeidade. De forma literal, afirma que, nesses estudos, o corpo “está onde existe algo para ser feito” (Eagleton, 1998, p. 73). E continua: “para a nova somatologia, o corpo está onde alguma coisa – contemplar, imprimir, regular – está sendo feita em você. A isso costumava-se chamar de alienação” (Eagleton, 1998, p. 73).

Com efeito, a partir desta configuração, fundara-se uma nítida divisão epistemológica entre debruçar-se sobre a questão da corporeidade e de suas nuances, e intentar elucidar a estruturação histórica do modo de produção. Esta cisão eleva-se sobre um dos motes analíticos dos escritos “pós-modernos”, especialmente de filósofos pós-década de 1960, a saber, o declínio do trabalho material e a emergência do trabalho imaterial, características fundamentais para o fim do trabalho como postulado por Marx, o fim da história etc. Esta configuração consolida uma divisão do corpo: corpo “libidinoso”, discursivo, e corpo

---

<sup>1</sup> Agências financiadoras: Capes e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – processo 2014/19916-8).



“laborioso”, talhado pelas demandas do capital. Onde jaz o primeiro, o segundo ausenta-se. Segundo Herold Junior (2008), “esse limite, passível de ser explicado, é ao mesmo tempo a causa e a consequência para que os estudos da corporeidade e do materialismo histórico sejam vistos e se vejam como antípodas” (p. 99).

De acordo com Harvey (2000a, p. 158), há problemáticas epistemológicas e político-econômicas transversais que se somam às especificidades do corpo enquanto objeto de estudo. Por isso, é importante não desqualificar uma posição ou outra. É necessário levar em consideração a maneira como a corporeidade aparece conceitualizada nos postulados pós-década de 1960<sup>2</sup>, ao mesmo tempo em que se considera a perspectiva que objetiva relacionar os estudos sobre o corpo com a constituição histórico-estrutural do modo de produção do capital.

Neste contexto, Herold Junior (2008) evidencia o trabalho de aprofundamento dos estudos e das questões sobre o corpo com base nos estudos marxianos como uma vereda possível para o enriquecimento epistemológico da própria filosofia marxiana. O autor destaca a importância do processo de trabalho na articulação entre os estudos acerca da corporeidade e a filosofia de Marx. Ele afirma que

o ponto sobre o qual se apoia tanto a distância quanto a almejada aproximação entre os estudos do corpo e as análises de Marx é o conjunto de limites e o papel que atribuem ao trabalho, respectivamente. O estudo da relação entre corpo e trabalho e a amplificação de seus resultados surgem como possibilidades de considerarmos a formação da corporeidade humana pelo prisma do materialismo histórico (Herold Junior, 2008, p. 98).

As questões concernentes à corporeidade não seriam passíveis de uma visão que reconhecesse tanto a sua dimensão sócio-histórica quanto sua dimensão ontológica? Não seria possível reinserir a corporeidade no campo das problemáticas referentes ao capital sem rechaçar inovações e contribuições advindas de escritos que se fundamentam na epistemologia “pós-moderna”, ampliadores das dimensões específicas do estudo sobre o corpo?

A opção pela possibilidade do estudo da corporeidade em Marx se ancora na concepção, corroborada por Herold Junior (2008), de que seus postulados imputam organicidade à relação entre a corporeidade e os arranjos dos modos de produção. Harvey (2000a) acrescenta a esta problemática a questão dos processos de subjetivação. O autor afirma que Marx

proporciona um rico aparato conceitual para a compreensão de processos de

---

<sup>2</sup> De forma geral, nestes estudos os objetos aparecem “mais localizados, específicos, pois eles conteriam neles mesmos, lógicas próprias, riquezas idiossincráticas que seriam impossíveis de serem captadas por análises que privilegiassem a ‘totalidade social’” (Herold Junior, 2009, p. 224). A corporeidade, nessa configuração epistemológica, pode aparecer como objeto de estudo descolado de uma análise estrutural. Para mais informações, ver Lyotard (2011), Herold Junior (2009) e Eagleton (1998).



produção e ação corporal (...). E tem quase a mesma importância o fato de ele oferecer uma epistemologia apropriada (tanto histórico-geográfica como dialética) para abordar a questão de como os corpos são produzidos, de como vêm a ser os significantes e referentes de significados e de como práticas corporais internalizadas poderiam em contrapartida modificar os processos de produção do eu (Harvey, 2000a, p. 159).

A importância dos postulados marxianos, no que tange à problematização da corporeidade, se configura na medida em que “Marx originou a discussão sobre o corpo como produto social, fruto de suas condições materiais de existência e das relações sociais de produção” (Sánchez, 2011, p. 121). Há em *O Capital*, “uma análise clássica da condição corporal do homem” (Le Breton, 2007, p. 16). Essa análise articula à constituição da subjetividade as relações concretas, corpóreas, de suas forças vitais, com as demandas do sistema de produção e o processo de trabalho [*Arbeitsprozeß*], em detrimento da gênese a partir do espírito ou da ideia. A corporeidade [*Leiblichkeit*] deixa de se limitar à rigidez mecânico-biológica e abrem-se caminhos para se ponderar sobre a organicidade processual entre o modo de produção, a orquestração societal e as dimensões inerentes ao corpo. Pensar a corporeidade a partir dos postulados de Marx é analisar “elementos para compreender a relação do corpo na modernidade” (Sánchez, 2011, p. 121).

A questão da corporeidade, porém, não fora objeto de sistematização por parte de Marx. As bases para se pensar tal problemática em sua obra jazem em íntima relação com conceituações inerentes às categorias ontológicas do ser social. Esta configuração deriva de condições metodológicas próprias aos escritos marxianos. Contra os princípios de formação lógicos ou gnosiológicos idealistas, Marx intenta compreender a totalidade do ser a partir das múltiplas relações historicamente constituídas, das intrincadas conexões inerentes à materialidade histórica. Ante sistematizações categoriais estáticas e hierarquizantes, Marx baseia sua ontologia em “elementos estruturais de complexos relativamente totais, ativos, reais, dinâmicos, cujas inter-relações dinâmicas dão lugar a complexos cada vez mais abrangentes” (Lukács, 2012, p. 297). Essa configuração categorial fundamenta a ontologia marxiana do ser social. Para analisar a corporeidade a partir dos escritos de Marx é necessário considerá-la em relação com a produtividade humana, quer dizer, com a configuração histórica da sensibilidade e da ação humanas. Pensar a corporeidade, a partir de Marx, é considerar a corporeidade imersa na totalidade concreta. Nosso objetivo passa por esta constituição relacional. Propomos a possibilidade de conceituar a corporeidade, em Marx, a partir das suas relações com o processo de trabalho [*Arbeitsprozeß*], o complexo de estranhamento [*Entfremdung*]<sup>3</sup> e o modo de produção do capital.

<sup>3</sup> Há diferenças entre alienação [*Entäusserung*] e estranhamento [*Entfremdung*]. Cada uma dessas categorias ocupa um lugar distinto, e específico, nas obras de Marx. A categoria alienação [*Entäusserung*] “tem o significado de remissão para fora, extrusão, passagem de um estado a outro qualitativamente diferente, despojamento, realização de uma ação de transferência. Nesse sentido, *Entäusserung* carrega o significado de exteriorização” (Ranieri, 2001, p. 24, grifos no original). Por sua vez, a categoria estranhamento [*Entfremdung*] “tem o significado de real objeção social



## Corporeidade e processo de trabalho

O processo de trabalho [*Arbeitsprozeß*] é a categoria ontológica fundamental na perspectiva marxiana. Marx não limita o ser humano ao trabalho, mas afirma que o último dá a medida qualitativa do primeiro enquanto ser. Isso significa que o trabalho [*Arbeit*] é a categoria que estabelece a diferença qualitativa entre o ser humano e os outros seres. Nele “estão contidas *in nuce* todas as determinações” (Lukács, 2013, p. 44) que constituem o humano enquanto ser. Por isso, o trabalho, conforme teorizado por Marx, é uma exclusividade do ser humano. É a especificidade do trabalho humano que o caracteriza como atividade vital que possibilita ao humano se estruturar enquanto um ser distinto. É a partir dele, por exemplo, que se pode compreender a diferença, em Marx, entre seres humanos e animais. Com efeito,

o fato de que Marx limite, com exatidão e rigor, a teleologia ao trabalho (à práxis humana), eliminando-a de todos os outros modos do ser, de modo nenhum restringe o seu significado; pelo contrário, ele aumenta, já que é preciso entender que o mais alto grau do ser que conhecemos, o social, se constitui como grau específico, se eleva a partir do grau em que está baseada a sua existência, o da vida orgânica, e se torna um novo tipo autônomo de ser, somente porque há nele esse operar real do ato teleológico. Só podemos falar racionalmente do ser social quando concebemos que a sua gênese, o seu distinguir-se da sua própria base, seu tornar-se autônomo baseiam-se no trabalho, isto é, na contínua realização de pores teleológicos (Lukács, 2013, p. 52).

O trabalho é uma “atividade intencional” (Marx, 1939/2011, p. 243) e “todos os seus estágios são produtos da autoatividade” (Lukács, 2013, p. 43). Ele é condição universal, ontológica. O trabalho é, pois, um processo “inteiramente natural e, ao mesmo tempo, inteiramente humano” (Harvey, 2013, p. 113).

Marx afirma que o processo de trabalho é, “antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia e regula e controla seu metabolismo com a natureza” (Marx, 1867/2013, p. 255). É ele que enlaça seres humanos e natureza. Este processo, enquanto categoria ontológica fundante do ser social, independe de qualquer forma social determinada e não se limita às formas animais, e instintivas, de atividade nem às atualizações engendradas no processo de trabalho pelo

---

à realização humana, na medida em que historicamente veio a determinar o conteúdo das exteriorizações (*Entäußerung*) por meio tanto da apropriação do trabalho como da determinação desta apropriação pelo surgimento da propriedade privada” (Ranieri, 2001, p. 24). Pode-se afirmar, de forma resumida, que “quando a ênfase recai sobre a 'externalização' ou 'objetivação', Marx usa o termo *Entäußerung* (ou termos como *Vergegenständlichkeit*), ao passo que *Entfremdung* é usado quando a intenção do autor é ressaltar o fato de que o homem está encontrando oposição por parte de um poder hostil, criado por ele mesmo, de modo que ele frustra seu próprio propósito” (Mészáros, 1970/2006, p. 20). No decorrer deste texto utiliza-se estranhamento [*Entfremdung*], e não alienação [*Entäußerung*], porque nos momentos em que esta categoria é analisada trata-se de compreender a subordinação real do trabalho ao capital.



modo de produção do capital. Nele, o ser humano se relaciona com a matéria natural, enquanto potência natural [*Naturmacht*], através das forças naturais “pertencentes a sua corporeidade [*Leiblichkeit*]: seus braços, e pernas, cabeças e mãos” (Marx, 1867/2013, p. 255).

O trabalho é um processo de objetivação em que se opera “uma transformação do objeto de trabalho segundo uma finalidade concebida desde o início” (Marx, 1867/2013, p. 258). Ou seja, aquilo que era potência se objetifica. Com efeito, “o trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado” (Marx, 1867/2013, p. 258). Aquilo que aparecia como movimento, como processo, se manifesta “como qualidade imóvel, na forma do ser” (Marx, 1867/2013, p. 258). Há uma diferença entre o produto do trabalho e o processo de trabalho. No produto o processo está extinto. Isso não significa que o trabalho tenha desaparecido. Ele se objetivou. No processo de trabalho, por meio da objetivação, o ser humano atua e transforma uma ideiação prévia, uma finalidade previamente construída na consciência, em um produto objetivo. A força de trabalho, as forças naturais [*angehörigen Naturkräfte*] e a corporeidade são colocadas em movimento processual de relação com a natureza. A partir da transformação desta produzem-se os meios materiais de existência. Esse processo de transformação da natureza transforma também o ser humano. Na processualidade que se estabelece entre corporeidade e natureza, mediada pelo processo de trabalho, o ser humano modifica esta última e transforma, “ao mesmo tempo, sua própria natureza” (Marx, 1867/2013, p. 255). Deriva dessa transformação a emergência de novos arranjos materiais. Estes demandam uma atualização do próprio ser humano, inclusive na forma de disposições corpóreas distintas das precedentes. O processo de trabalho, pautado na corporeidade, é solo ontológico do ser social. Em síntese, o trabalho

é a atividade orientada a um fim - a produção de valores de uso -, apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais (Marx, 1867/2013, p. 261).

Esta atividade que, para Marx, se opera em relação indissociável com a natureza, fundamenta-se na utilização da força de trabalho [*der Arbeitskraft*], ponto central no processo de trabalho. A força de trabalho consiste na utilização do corpo, na medida em que, no processo de trabalho, os seres humanos colocam em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade. O que se nota é que Marx intenta colocar em relevo a primazia da dimensão sensível da experiência humana, a corporeidade em movimento na existência efetiva. O corpo, para Marx, é o fundamento do trabalho e das configurações sociometabólicas de produção. A “base real” da vida humana não é uma dimensão ideal e individualizada que se estrutura de forma alheia ao ser humano. Há uma condição primeira de toda história humana: o próprio ser humano compreendido, antes de tudo, como corporeidade em atividade na natureza. O próprio trabalho, fundamento ontológico



primordial e base histórica da realidade humana, é, segundo as palavras de Bröhm (2007),

consequência mesma desta estrutura corporal. Os homens começam, portanto, 'a se distinguir dos animais, assim que começam a produzir seus meios de existência, não antes disto, que é a consequência mesma de sua organização corporal'. Marx irá muito longe nessa via, quase totalmente desconhecida ou ocultada pelos marxistas oficiais, de vez que afirmará ser a infra-estrutura corporal de toda a sociedade a organização coletiva da luta pelo domínio da natureza (p. 344).

A partir do trabalho pode-se pensar a corporeidade como aquilo que possibilita ao ser humano atuar no mundo sensível. Isso não significa que o ser humano esteja apartado de seu corpo e o utilize apenas como ferramenta mediadora no ato produtivo. Se o ser humano é atividade sensível ele é, em última instância, a corporeidade que possibilita a atualização desta atividade. É o corpo que está no centro da atividade humana. Na teoria marxiana, o ser humano é corporeidade em atividade. É corpo concreto atuando na realidade e produzindo-se, nesse processo, enquanto ser sensível. De fato, “é este metabolismo incessante entre o corpo não orgânico (a natureza) e o corpo orgânico (a carne) que é o fundamento histórico da produção” (Bröhm, 2007, p. 342). A partir de Marx pode-se afirmar que a “historicidade do corpo está, pois, antes de toda historicidade de suas forças produtivas” (Bröhm, 2007, p. 343). Nesse sentido, Nothen (2010) comenta:

o corpo humano é o fundamento primeiro de toda a produção material humana, [e] é a partir dele que toda a vida humana é engendrada. Mas tal não se dá de modo estático, cristalizado. É (...) através do seu movimento, da atividade sensível, do movimento humano que o corpo produz. Entretanto, nesta interação do corpo humano com a natureza exterior, sensível, neste movimento em que o corpo engendra a própria produção material da vida humana, é preciso, em primeiro lugar, que o corpo estabeleça relações com o mundo sensível (p. 51).

Por isso, para Marx, o corpo deve ser categorizado como força produtiva, força vital, o próprio ser humano natural e ativo. O corpo instala o ser humano no mundo natural como parte integrante da concretude; trata-se do próprio ser humano objetivo, natural e concreto, em atividade no mundo natural e objetivo. Ao mesmo tempo, o corpo é também o fundamento do processo de produção propriamente dito.

Não obstante, no processo sociometabólico de produção do capital, imputa-se ao processo de trabalho uma sobreposição. O fundamento desta é o processo de estranhamento [*Entfremdung*], que se dá como uma inversão na lógica do processo de trabalho. A atividade sensível humana, a atividade vital que caracteriza o ser humano, aparece não como sua essência, mas como “um meio para sua *existência*” (Marx, 1932/2010, p. 85, grifo no original). No processo de trabalho estranhado os seres humanos deixam de experimentar o trabalho como uma atividade autoprodutora.

O processo de trabalho estranhado é apresentado por Marx em quatro momentos: 1)



Na relação dos seres humanos com o objeto do processo de trabalho; 2) na própria atividade do trabalho; 3) na relação dos seres humanos com o gênero humano; e 4) na relação dos seres humanos com outros seres humanos. Conforme os objetivos estabelecidos neste artigo, apresentam-se comentários acerca apenas dos dois primeiros momentos do processo de estranhamento. No primeiro, há um estranhamento do produto do processo de trabalho. O produto do trabalho é “o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa [sachlich], é a objetivação [Vergegenständlichung] do trabalho” (Marx, 1932/2010, p. 80). O produto é a efetivação [Verwirklichung] do processo de trabalho. Logo, no primeiro momento, a efetivação da relação dos seres humanos com o mundo exterior sensível [sinnlich], o produto do processo de trabalho, é experienciado como algo alheio [fremd] ao produtor. O produto aparece como algo exterior ao processo de trabalho, o que caracteriza uma desefetivação<sup>4</sup> [Entwirklichung] do ser humano (Marx, 1932/2010). No segundo momento, há um estranhamento no interior do processo de trabalho. A atividade produtora aparece ao ser humano como “uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência” (Marx, 1932/2010, p. 83). O próprio processo de trabalho aparece como exterior ao ser humano. Esta externalidade [Äusserlichkeit] do processo de trabalho faz com que o mesmo apareça como um momento de martírio e usurpação para o ser humano. O estranhamento no interior da atividade produtiva furta a esta a positividade por meio da qual o ser humano produz a si. Com efeito, a partir destes dois momentos, o ser humano passa a experienciar o processo de trabalho “como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele” (Marx, 1932/2010, p. 83).

Essa configuração destitui a potência da dimensão positiva do processo de trabalho, a de processo de produção do ser humano enquanto tal. O processo de trabalho aparece agora como possibilidade de exploração da força de trabalho. É a exploração da força de trabalho, entendida como “dispêndio de cérebro, nervos, músculos e órgãos sensoriais humanos etc” (Marx, 1867/2013, p. 147), que jaz no cerne da produção do valor [Wert]. No cenário da exploração da força de trabalho, a corporeidade transfigura-se em mecanismo para extração de mais-valor [Mehrwert]. A dimensão positiva do processo de trabalho aparece ao ser humano como dimensão estranhada porquanto este deixa de experienciar o trabalho enquanto processo de produção de si na medida da sua sobreposição pela comercialização da corporeidade. Nessa direção, Herold Junior (2008) afirma “a principal crítica de Marx ao capitalismo é a forma como a exploração capitalista, ao inviabilizar a propriedade daqueles

---

<sup>4</sup> Para Marx, no processo de estranhamento há uma desefetivação [Entwirklichung] do ser humano porquanto o trabalho passa a ser experienciado como “perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como estranhamento (Entfremdung)” (Marx, 1932/2010, p. 80, grifos no original). Isso significa que nessa configuração a dimensão positiva do trabalho, a efetivação por meio da objetivação, aparece subordinada à produção do mais-valor e, por isso, o ser humano não experienciar o processo primordialmente como atividade de produção de si, mas sim como ato de produzir valor. No trabalho estranhado, “a objetivação tanto aparece como perda do objeto que o trabalhador é despojado dos objetos mais necessários não somente à vida, mas também dos objetos do trabalho” (Marx, 1932/2010, p. 80).



que produzem a riqueza com seu trabalho, aliena as capacidades humanas, entre elas as capacidades corporais” (p. 107).

Há um estranhamento corporal no processo de trabalho definido pelo intento capitalizador e acumulativo do modo de produção do capital que é concomitante à exploração.

### **Corporeidade e mais-valor**

Uma análise da acumulação no processo político-econômico de produção do capital, tal como descrito por Marx em *O Capital*, ilustra, igualmente, a presença de fundamentos que possibilitam reflexões acerca da corporeidade.

Marx intenta uma investigação societal que se distingue pela primazia imputada à análise da dimensão estrutural da sociedade ocidental moderna, organizada sob as rédeas do capital. A produção do capital é o núcleo dessa composição sociometabólica. A inovação analítica inerente aos postulados marxianos caracteriza-se pela processualidade relacional entre organização societal, ser humano e esfera político-econômica.

Para analisar os processos de produção, Marx atribui prioridade ao processo orgânico de configuração da sociedade ocidental moderna. Contrapondo-se aos postulados dos economistas clássicos, não considera a configuração societal pautando-se estritamente em determinantes político-econômicos. Distanciando-se do idealismo hegeliano, o autor intenta elucidar as intrincadas e múltiplas relações inerentes à concretude enquanto base ontológica (Lukács, 2012, p. 297) e aponta para a necessidade de uma “determinação mais precisa” do todo a partir da qual chegar-se-ia “analiticamente a conceitos cada vez mais simples; do concreto representado a conceitos abstratos cada vez mais finos, até que tivesse chegado às determinações mais simples” (Marx, 1939/2011, p. 54). Essas determinações mais simples são as concretas relações estabelecidas entre sujeito, natureza e sociedade. Materializadas na corporeidade, essas relações são os pilares sobre os quais se elevam categorias “como trabalho, divisão do trabalho, necessidade, valor de troca, até o Estado, a troca entre as nações e o mercado mundial” (Marx, 1939/2011, p. 54).

O conceito de capital (K), como teorizado por Marx, define um modelo de ordem para a reprodução sociometabólica no processo de organização da sociedade ocidental moderna. Nesse processo, objetiva-se a extração máxima de mais-valor excedente de qualquer forma compatível com a dilatação dos limites estruturais do próprio capital, porquanto este se orienta, essencialmente, para a expansão, impulsionado pela acumulação. A acumulação discrimina o modo de reprodução sociometabólico na organização societal com gênese no processo de produção do capital (Mészáros, 2011, p. 96). Nessa conjuntura, a discussão do curso da acumulação, no processo de produção do capital, para além dos limites da economia política clássica, configura-se como ponto nevrálgico para compreendermos os postulados marxianos.



A questão da produção do mais-valor é fundamental para analisarmos a forma como Marx compreende a produção do capital [*Kapital*] e suas relações com a corporeidade. Marx (1939/2011) afirma que “no interior do sistema da sociedade burguesa, o capital vem imediatamente depois do valor [*Wert*]” (p. 194). Nos fundamentos orgânicos da produção e da acumulação do capital, deparamo-nos com a incongruência característica da troca de equivalentes. No sistema D-M-D', fórmula geral do capital, sendo que D corresponde a dinheiro e M a mercadoria, tem-se que a modificação no valor, materializado fenomenicamente no dinheiro, talhado para transformar-se em capital,

não pode ocorrer nesse mesmo dinheiro, pois em sua função como meio de compra e de pagamento ele realiza apenas o preço da mercadoria [*Ware*] que ele compra ou pela qual ele paga, ao passo que, mantendo-se imóvel em sua própria forma, ele se petrifica como um valor que permanece o mesmo (Marx, 1867/2013, p. 241).

Tampouco se acumula com base no segundo braço da circulação (M-D'), a revenda. O capital antecipadamente materializado em dinheiro para compra de mercadorias não se altera com o fim da circulação. A mudança “que o valor da própria mercadoria sofre nesse processo é limitada a uma mudança em sua forma-dinheiro” (Marx, 1867/2013, p. 233). Há, portanto, somente uma transmutação. O dinheiro, materialização do capital, transmutado em mercadoria, retorna, posteriormente, à forma mercadoria, iniciando-se novo processo intercambial. Marx faz a seguinte observação sobre este processo:

essa mudança de forma não implica qualquer alteração na grandeza do valor, mas a mudança que o valor da mercadoria sofre nesse processo é limitada a uma mudança em sua forma-dinheiro. Ela existe, primeiramente, como preço da mercadoria à venda; em seguida, como uma quantia de dinheiro que, no entanto, já estava expressa no preço; por fim, como o preço de uma mercadoria equivalente (Marx, 1867/2013, p. 233).

Para se realizar acumulação é preciso um excedente em relação à soma final das mercadorias elaboradas, superávit relativo aos dispêndios na aquisição das mercadorias (Luxemburgo, 1913/1970). Conceitualmente, a circulação é a dimensão mais superficial da configuração orgânica do capital. A variação no preço das mercadorias, somada à sua circulação aparece “como o processo superficial sob o qual, *no entanto, na profundidade, sucedem processos inteiramente diferentes* (Marx, 1939/2011, p.190, grifos nossos). Operacionaliza-se acumulação, “capitalização”, quando, na esfera da circulação simples, o mercado, emerge uma determinada mercadoria peculiarmente “dotada” da propriedade de ser, *per se*, “fonte de valor”.

Nos postulados marxianos, essa mercadoria corporifica-se na capacidade de trabalho, ou na força de trabalho. A força de trabalho é conceitualizada como o “complexo [*Inbegriff*] das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade [*Leiblichkeit*], na personalidade viva de um homem” (Marx, 1867/2013, p. 242). A corporeidade [*Leiblichkeit*] é



força de trabalho [*Arbeitskraft*], mercadoria [*Ware*] criadora de mais-valor [*Mehrwert*]. Administra-se o corpo, consome-se força de trabalho. Consome-se força de trabalho, cria-se mais-valor. Cria-se mais-valor, acumula-se capital. Logo, administrar, disciplinar, dispor em ordem produtiva e controlar as potencialidades do corpo compõem a substância indispensável para o capital. Só há “valor porque nele está objetivado ou materializado trabalho humano abstrato. Mas como medir a grandeza de seu valor? *Por meio da quantidade da ‘substância formadora de valor’, isto é, da quantidade de trabalho nele contida*” (Marx, 1867/2013, p. 116, grifos nossos).

Marx traz à ribalta o motor da acumulação no processo de produção do capital, escamoteado pela economia política clássica: a exploração máxima das potencialidades do corpo. Em contraste com os postulados dos economistas clássicos, Marx evidencia que a acumulação se efetua a partir da especificidade do modo de produção do capital. Neste, furta-se ao processo de trabalho a primazia de sua dimensão positiva. O corpo, no processo de trabalho cooptado pelo capital, deixa de configurar-se primordialmente como centro do processo de objetivação-exteriorização e aparece como mercadoria essencial na produção de valor e na acumulação do capital. No cerne da orquestração macroestrutural, ritmando-a, Marx vislumbra o compasso em obstinado das táticas de administração dos corpos.

### Considerações finais

Apresentamos a possibilidade de se pensar a corporeidade a partir das suas relações com o processo de trabalho [*Arbeitsprozeß*], o estranhamento [*Entfremdung*] e o modo de produção do capital. Para isso, analisamos a centralidade ontológica que o trabalho adquire na filosofia marxiana, a estruturação do complexo de estranhamento e, por fim, como a produção do mais-valor se fundamenta na exploração da força de trabalho.

Na investigação do ser humano, a corporeidade pode assumir a condição de dimensão que instala o sujeito na realidade concreta. O ser humano relaciona-se com instrumentos e objetos, e esta relação não se estabelece na ordem do pensamento, mas na forma de um engajamento garantido pela sua face exterior, o corpo, ao mesmo tempo objetivo e subjetivo. Esta inerência do ser humano ao mundo é, principalmente, social, de modo que a produção do eu não se realiza sem a produção de outrem.

De acordo com Harvey (2000b), Marx “propõe uma teoria da produção do sujeito corporal” (p. 102). Marx (1932/2010), com efeito, afirma que o ser humano é “imediatamente um ser natural” (p. 127), logo, enquanto ser natural, é um ser “corpóreo” (p. 127). Ao contrário de toda interpretação idealista, Marx afirmara a corporeidade como ponto nevrálgico no processo de engendramento do ser humano (Bröhm, 2007). Ao mesmo tempo, através do processo de estranhamento, essa dimensão positiva da corporeidade é empobrecida, na medida das demandas do modo de produção do capital. A corporeidade, na filosofia de Marx, “longe de ser uma essência, uma substância extensa, uma alteridade



radical, um envelope carnal para a alma ou uma carne no mundo, (...) é fundamentalmente uma *força produtiva*" (Bröhm, 2007, p. 342). Essa força está imersa em relações sociais. O mais importante, porém, é que, para além dessa imersão, a questão da corporeidade, na filosofia marxiana, aparece como "fundamento mesmo destas relações" (Bröhm, 2007, p. 344).

## Referências

- Barbosa, M., Matos, P. & Costa, M. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 24-34. Recuperado em 20 de novembro, 2014, de [www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf)
- Bröhm, J-M. (2007). Depois de mim, o dilúvio! Imagens da morte e da negação do corpo em Marx (M. Said, Trad.). Em J. Nóvoa (Org.). *Incontornável Marx* (pp. 339-367). Salvador: Edufba; São Paulo: Unesp.
- Daolio, J. (1995). *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papius.
- Eagleton, T. (1998). *As ilusões do pós-modernismo* (E. Barbosa, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1996).
- Harvey, D. (2000a). O corpo como estratégia de acumulação (A. U. Sobral & M. S. Gonçalves, Trad.s). Em D. Harvey. *Espaços de esperança* (pp. 135-160). São Paulo: Loyola.
- Harvey, D. (2000b). The body as an accumulation strategy. Em D. Harvey. *Spaces of hope* (pp. 97-116). Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Harvey, D. (2013). *Para entender O Capital* (R. Enderle, Trad.). São Paulo: Boitempo. (Original publicado em 2010).
- Herold Junior, C. (2008). Os processos formativos da corporeidade e o marxismo: aproximações pela problemática do trabalho. *Revista Brasileira de Educação*, 13(37), 98-111. Recuperado em 10 de dezembro, 2014, de [www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/09.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/09.pdf)
- Herold Junior, C. (2009). Os estudos sobre o corpo para além da apologia e da negação: contraposição crítica ao pós-modernismo. *Educar*, 33, 221-234. Recuperado em 13 de dezembro, 2014, de [www.scielo.br/pdf/er/n33/15.pdf](http://www.scielo.br/pdf/er/n33/15.pdf)
- Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo* (S. M. S. Fuhrmann, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1992).
- Lyotard, J. (2011). *A condição pós-moderna* (R. C. Barbosa, Trad.). Rio de Janeiro: José Olympio. (Original publicado em 1979).
- Lukács, G. (2012). *Para uma ontologia do ser social I* (C. N. Coutinho, M. Duayer & N.



- Schneider, Trad.s). São Paulo: Boitempo. (Original publicado em 1984).
- Lukács, G. (2013). *Para uma ontologia do ser social II* (N. Schneider, I. Tonet, R. V. Fortes, Trad.s). São Paulo: Boitempo. (Original publicado em 1984).
- Luxemburgo, R. (1970). *A acumulação do capital: estudo sobre a Interpretação Econômica do Imperialismo* (M. Bandeira, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1913).
- Marx, K. (2010). *Manuscritos econômico-filosóficos* (J. Ranieri, Trad.). São Paulo: Boitempo. (Original de 1844, publicação póstuma em 1932).
- Marx, K. (2011). *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858* (M. Duayer & N Schneider, Trad.s). São Paulo: Boitempo. (Original de 1857-58, publicação póstuma em 1939).
- Marx, K. (2013). *O Capital: crítica da economia política* (v.1) (R. Enderle, Trad.). São Paulo: Boitempo. (Original publicado em 1867).
- Mészáros, I. (2006). *A teoria da alienação em Marx* (I. Tavares, Trad.). São Paulo: Boitempo. (Original publicado em 1970).
- Mészáros, I. (2011). *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição* (P. C. Castanheira & S. Lessa, Trad.s). São Paulo: Boitempo. (Original publicado em 1995).
- Ranieri, J. (2001). *A câmara escura: alienação e estranhamento em Marx*. São Paulo: Boitempo.
- Sánchez, O. (2011). El cuerpo en Marx, Bourdieu y Foucault. *Ciencias Sociales de la Universidad Iberoamericana*, 11, 121-137. Recuperado em 15 de dezembro, 2014, de [www.iberomx.com/iberoforum/11/pdf/6.%20BARRERA%20VOCES%20Y%20CONTEXTOS%20%20IBEROFORUM%20NO%2011.pdf](http://www.iberomx.com/iberoforum/11/pdf/6.%20BARRERA%20VOCES%20Y%20CONTEXTOS%20%20IBEROFORUM%20NO%2011.pdf)

### Nota sobre os autores

*Lucas Carvalho Peto* é graduado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis e mestrando na mesma instituição. Desenvolve pesquisa acerca da problemática da corporeidade na filosofia de Karl Marx com financiamento da FAPESP (processo 2014/19916-8). E-mail: [lucaspeto@gmail.com](mailto:lucaspeto@gmail.com)

*Danilo Saretta Verissimo* é Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo e Doutor em Filosofia pela Université Jean Moulin - Lyon III. E-mail: [danilo.verissimo@gmail.com](mailto:danilo.verissimo@gmail.com)

Data de recebimento: 28/07/2015

Data de aceite: 18/11/2016